

## Educação Musical com Idosas: Processos Colaborativos de Composição Musical

*Tatiane Andressa da Cunha Fugimoto*

Universidade Estadual de Maringá

tatiacf@hotmail.com

*Viviane Beineke*

Universidade do Estado de Santa Catarina

vivibk@gmail.com

**Resumo:** A presente pesquisa teve como objetivo investigar os significados construídos por um grupo de idosas ao longo de uma experiência de composição musical colaborativa. O trabalho teve como eixo teórico a aprendizagem criativa, enfatizando os processos colaborativos de aprendizagem e a composição musical na educação musical. A pesquisa foi realizada com senhoras integrantes do grupo de canto do Centro de Convivência de Idosos Irmã Clara Kô, da cidade de Maringá-PR. Em abordagem qualitativa, a metodologia combina as seguintes técnicas de coleta de dados: observação participante e narrativas, sendo as narrativas produzidas oralmente e registradas em diários elaborados pelas senhoras. A composição musical observada foi norteadada pela proposta do re-arranjo, de Penna e Marinho (2010), que remete a processos de criação, de reapropriação ativa e de ressignificações de uma música já conhecida pelas participantes. A música escolhida pelo grupo foi *Felicidade*, de Lupicínio Rodrigues (1914-1974). Nesta comunicação, trazemos um recorte da pesquisa de mestrado “Composição Musical com Idosas: re-arranjando a *Felicidade*”, na qual se destacam os processos colaborativos na aprendizagem criativa. Acredita-se que a pesquisa pode contribuir na elaboração, realização e reflexão sobre metodologias para o ensino de música e processos de aprendizagem criativa na educação musical de idosas.

**Palavras chave:** composição musical colaborativa, aprendizagem criativa, idosas.

### Introdução

Situada no campo de pesquisas sobre práticas criativas na educação musical, focalizando atividades de composição musical com um grupo de idosas, a pesquisa de mestrado intitulada “Composição musical com idosas: re-arranjando a *Felicidade*” teve como objetivo investigar os significados construídos por um grupo de idosas ao longo de uma experiência de composição musical colaborativa. As senhoras que participaram da pesquisa

integram o grupo de canto do Centro de Convivência de Idosos Irmã Clara Kô, da cidade de Maringá-PR.

Nesta comunicação, focalizamos especificamente os processos colaborativos na aprendizagem criativa tecendo considerações sobre alguns dados produzidos e coletados no decorrer da pesquisa; destacam-se algumas interpretações e reflexões referentes a como ocorreram os processos colaborativos no grupo estudado.

### **Educação musical e idosos na literatura**

A revisão de literatura foi realizada dentro das temáticas: educação musical com idosos, criatividade, histórias de vida e composição musical. Os trabalhos estudados e incluídos na revisão de literatura mostraram possibilidades de investigar uma experiência de composição musical com as histórias de vida. E, identificando que as composições musicais permeiam as representações pessoais e sociais, os estudos convenceram de que esse era um possível campo a ser investigado. As pesquisas também contribuíram para compreender as especificidades presentes nos estudos que envolvem atividades de educação musical para idosos.

O trabalho teve como eixo teórico os conceitos de aprendizagem criativa e composição musical. Segundo Craft, Cremin e Burnard (2008), a aprendizagem criativa é uma abordagem voltada para compreender as perspectivas dos alunos, permitindo que se explorem as ideias dos envolvidos no processo e a construção de forma coletiva do conhecimento, que é individual. Além disso, uma das características da aprendizagem criativa, segundo Beineke (2012), é centrar-se nas aprendizagens colaborativas de pessoas que, ao fazerem música, dialogam e interagem umas com as outras.

Quanto aos processos colaborativos na aprendizagem criativa, com fundamento em Sawyer (2003), consideram-se diferentes formas de colaboração como sendo eficazes porquanto elas permitem integrar diferentes tipos de aprendizagem, considerando as particularidades de cada pessoa. Além disso, segundo Sawyer (2004), as pessoas aprendem por meio da colaboração, pois durante essa ação acontecem múltiplas perspectivas, independentemente de resultado pré-determinado e de roteiro definido.

Nessa direção, o estudo focalizou os processos colaborativos e a construção de significados decorrentes da realização de uma composição musical<sup>1</sup>. Para elaborar a composição musical, esta pesquisa foi norteadada pela proposta do re-arranjo (PENNA; MARINHO, 2010). Para Penna e Marinho (2010), o re-arranjo é considerado uma estratégia criativa planejada com o intuito de promover a reapropriação ativa de uma música, considerando a vivência do aluno e buscando articular o trabalho pedagógico sobre a música que o aluno ouve e que faz parte de sua vida.

## **Caminhos metodológicos**

Com abordagem qualitativa foram combinadas duas técnicas de coleta e produção de dados: as observações participantes e as narrativas. As narrativas foram produzidas oralmente em conversas individuais e registradas em diários pelas participantes da pesquisa.

A observação participante teve o intuito de gerar dados por meio de observação e escuta das participantes envolvidas, para descobrir os sentidos e as interpretações que elas atribuíram às experiências vividas. A pesquisa foi realizada com o grupo de canto do Centro de Convivência de Idosos Irmã Clara Kô, composto por 16 senhoras com idades entre 55 e 89 anos residentes na cidade de Maringá-PR.

De acordo com Gray (2012), durante a observação participante o trabalho e a atuação com as pessoas da pesquisa envolvem observar as interações no meio social e explorar como as ideias se expandem e se transformam, incluindo as ideias do próprio pesquisador.

Para tanto, foram observadas as atividades de rotina e a proposta de composição musical durante 5 encontros e uma apresentação do grupo nos meses de novembro e dezembro de 2013. Todos esses encontros foram gravados pela assistente da pesquisa em câmeras digitais, contribuindo para a construção dos relatórios e a edição dos vídeos que foram apresentados às senhoras no início de alguns encontros, com o intuito de recordar, analisar e avaliar o que foi trabalhado anteriormente.

---

<sup>1</sup> Oportuno enfatizar que, no âmbito deste trabalho, entende-se a composição musical de forma abrangente. Para Swanwick (1994), podem ser consideradas composições desde as pequenas expressões espontâneas até as invenções mais complexas e elaboradas.

Já as narrativas tiveram o objetivo de compreender os fatores que produzem transformações que motivam as ações dos participantes da pesquisa, sendo estes considerados personagens da sua própria vida, de acordo com Delory Momberge (2006). Assim sendo, os estudos sobre essa técnica de produção e coleta de dados demonstraram que, por meio das narrativas, haveria a possibilidade de realizar um processo de construção, reconstruindo a experiência vivida ao conferir-lhe determinado significado. Além disso, segundo Abrahão (2011), o método das narrativas é “fenômeno” em que a ação de narrar-se, reflexivamente, pode ser vista como “metodologia” de investigação e como “processo” de autoconhecimento, de aprendizagem e de novas significações para experiências já vividas.

Desse modo, além das observações participantes, para investigar os significados construídos ao longo da experiência de uma composição musical colaborativa com idosos, as senhoras participantes da pesquisa foram convidadas a registrar seus pensamentos num diário em suas casas e também foram convidadas para um encontro individual.

No diário, as senhoras puderam escrever, desenhar, colar e rabiscar, externando suas impressões, anseios, dúvidas, lembranças, pontos significativos, histórias despertadas e elementos musicais. As conversas individuais, realizadas no final da experiência de composição, tiveram o intuito de compreender como cada uma percebeu o processo de composição, sua participação individual no processo, suas aprendizagens e/ou dificuldades, qual sentido teve a proposta desenvolvida, quais os pontos mais significativos, como se deu a elaboração do diário e que sentido teve para cada uma a música *Felicidade*, de Lupicínio Rodrigues.

Sobre o potencial das narrativas, Souza e Cordeiro (2010) afirmam que as narrativas orais e/ou expressas em diários permitem que o participante organize suas ideias e potencialize a reconstrução de suas vivências ao escolher aspectos de suas experiências, seja oralmente ou por escrito. Assim, quanto a ser o diário um registro narrativo, acredita-se que tal método possibilite a compreensão da maneira como cada pessoa percebe suas experiências.

## Re-arranjo como proposta de composição musical

A estratégia de ação utilizada para a composição musical foi a proposta do re-arranjo que se encontra pautada no texto “Ressignificando e recriando músicas: a proposta do re-arranjo”, de Penna e Marinho (2010).

O re-arranjo tem como objetivo articular os processos de criação, de reapropriação ativa e de ressignificações. Essa proposta de composição é norteada por um roteiro de ação que é dividido em três momentos. O primeiro momento refere-se à escolha de uma música; após a professora do grupo indagar de quais músicas as senhoras se lembravam e que representavam algo para elas, foram indicadas: *Colcha de retalhos*, *O que é o que é*, *A banda*, *Aquarela*, *O Ébrio*, *Chalana*, *As mocinhas da cidade*, *Utopia*, *Menino da porteira*, *Ciranda cirandinha*, *Detalhes*, *Naquela mesa*, *Casinha pequenina*, *Felicidade*, *Asa Branca*, *Tocando em frente*, *Luar do sertão*, *Andança* e *Cio da terra*. Entre as músicas citadas, a escolhida foi *Felicidade*, de Lupicínio Rodrigues.

Sobre a escolha dessa música, uma senhora anotou em seu diário:

Esta foi a música escolhida entre tantas... Ela me faz lembrar minha adolescência, acho que eu tinha uns 17 anos... Naquele tempo faziam-se serenatas. Eu ainda não tinha permissão para sair à noite com minhas amigas... No entanto, como era a formatura da Escola Normal, meus pais permitiram que eu participasse, visto que os professores iriam juntos. Foi minha primeira serenata: em todas as casas que visitávamos, cantávamos essa música. Me vieram à mente a alegria da primeira madrugada nas ruas de Nova Esperança, com as colegas de sala e os professores... Tudo era felicidade... Hoje, nostalgia... (Marta).

Na segunda etapa do re-arranjo, de acordo com Penna e Marinho (2010), fomenta-se a tempestade de ideias referente à música escolhida, compondo nesse momento um quadro de significações. O quadro constituído pelo grupo apresentou as frases e palavras: “emoções sensoriais, psíquicas e físicas: afeto, calma e amor; nostalgia; saudade (o que o tempo ‘trouxe’); brincadeiras, crianças-mães; lembranças vividas; valores; refúgio; liberdade de pensamento (prisão X liberdade); pôr do sol (impressão de a música ser cantada durante o pôr do sol): paisagem; volta ao passado; alegria e tristeza”.

A terceira e última etapa do re-arranjo busca a efetivação da estruturação conjunta.

Segue a letra da música composta pelo grupo:

*(risos)*

*Felicidade o que é, o que é?*

*Felicidade o que é, o que é?*

*É viver, é amar, encontrar e cantar...*

*Felicidade o que é, o que é?*

*Felicidade o que é, o que é?*

*Cante, encante, emocione,*

*Viva, conviva e sinta a felicidade.*

*Encontrar um amigo de braços abertos, cantar a vida, numa linda canção.*

*Cante, encante, emocione,*

*Viva, conviva e sinta a felicidade.*

*Sinta a felicidade:*

*Viajar, amar, chorar, festejar, cantar, dormir, acordar...*

## **Processos colaborativos da aprendizagem criativa**

Na pesquisa, buscou-se valorizar as senhoras enquanto agentes discursivas, procurando possibilitar-lhes que se posicionassem como falantes co-construtoras do texto, a partir dos estudos de caráter polifônico. A escrita narrativa de caráter polifônico, segundo Martins (2011), preconiza uma estratégia que dê visibilidade ao outro que também faz parte do processo de escrita, vendo a possibilidade de expressar as múltiplas vozes num texto científico. Desse modo, procuramos prezar os discursos das senhoras buscando organizar, selecionar, sistematizar e interpretar as narrativas das participantes da pesquisa sobre a experiência composicional.

Para esta comunicação, dentre as categorias de análise da pesquisa, selecionamos a que se adentrou nos estudos sobre os “processos colaborativos na aprendizagem criativa”. Nessa categoria estudamos o re-arranjo na prática pedagógica: sobre as ideias das senhoras em relação a como viram metodologicamente a experiência composicional; se de fato consideravam que a música “pertencia” a todas e como a “minha ideia, sua ideia, nossa ideia” foi articulada tendo em vista que o trabalho era colaborativo. Para ilustrar esses tópicos de análise, são expostos excertos de narrativas de algumas senhoras em conjunto e as interpretações obtidas no decorrer da pesquisa.

Sobre as ideias das senhoras em relação a como olharam metodologicamente para a experiência de composição, algumas expuseram que a maneira como foi trabalhada a proposta oportunizou que todas falassem, dessem suas opiniões, sem se sentirem coagidas. Lembraram também que algumas precisaram conter-se e dar vez a outras para que não apenas sua própria opinião prevalecesse.

Numa outra perspectiva, percebeu-se que algumas senhoras não se sentiram confortáveis com o exercício dentro da abordagem dos processos colaborativos de aprendizagem. Por exemplo: a respeito de como se sentiu durante a experiência de composição musical colaborativa, Maria Teresa disse que, por vezes, ficou um pouco constrangida, porque se considera tímida, ponderando que no início ficou meio assustada, por ser uma situação nova. Contudo, pouco a pouco foi entendendo o “espírito da composição”, que entende ser a união de todas e a participação de cada integrante.

Também Marta salientou que a princípio percebeu o retraimento das mais tímidas, não participando de maneira engajada desde o início da experiência composicional; entretanto, no decorrer da proposta, reconheceu que essas colegas foram se soltando e se desinibindo. E acrescentou que ao final todas tiveram oportunidade de falar devido à maneira como foi trabalhada a composição musical.

Referente a como perceberam o processo colaborativo e considerar que a música composta pelo grupo “pertencia” a todas, algumas senhoras indicaram que as ideias de duas senhoras prevaleceram de maneira especial. Por outro lado, uma senhora destacou que isso ocorreu porque o grupo se identificou com as ideias das colegas e as acolheu.

Nesse sentido, sobre a metodologia proposta no decorrer da composição musical possibilitar que todas falassem congregando as ideias de todas do grupo, Maria Helena enfatizou que percebeu o compartilhamento de saberes, sendo fomentado e articulado pela diferença de vivências que cada uma compartilhou. Além disso, Maria Helena falou que no decorrer dessa experiência ficou curiosa para ver o que as demais colegas iriam apresentar. Corroborando o pensamento de Maria Helena, Cleonice relatou:

[...] eu fico imaginando, fico olhando a carinha delas assim... Nossa, deve ter tanta coisa boa na cabeça, mas às vezes elas ficam lá, ficam só pra elas.

[...] Vamos supor, eu ‘tava’ com mil ideias, eu fui lá e falei um pouquinho. Agora imagina as outras? Elas ficam ali observando, quanta coisa ‘tá pensando né? (Cleonice).

Sobre como percebeu metodologicamente a experiência composicional, Maria das Graças revelou que achou o processo inteligente e que os passos dados para chegar até a música foram interessantes:

Até fiquei pensando ‘gente, será que as pessoas que compõem - os compositores – passam por esse processo? De ficar fazendo tudo isso pra chegar numa canção assim, uma música?’. Eu achei fantástico mesmo. Os passos que foram seguidos, de como vocês foram puxando da gente as coisas sabe? [...] Não é tão fácil assim compor uma música boa [...]. Exige muita reflexão. [...] Foi uma experiência muito bonita a gente conhecer o processo de como chega o fim. [...] Um jeito de tirar da gente, as perguntas. [...] Ainda mais com a gente, que a gente nunca tinha feito esse trabalho (Maria das Graças).

Também sobre o referencial metodológico da proposta de composição musical, Cecília externou que a experiência “foi um puxar de mente” (Cecília). Além de analisarem a proposta metodológica utilizada para a experiência composicional, algumas senhoras destacaram o processo de compreensão que os compositores apresentam ao cantar suas próprias músicas:

Esse pessoal canta, eles cantam uma música atrás da outra e sabem todas, então quando é deles eu acho que já está a história na cabeça. Será que é isso? [...] É, eu nunca tinha pensado. [...] Foi mais fácil a gente, eu pelo menos, aprender, assimilar melhor a (música) que a gente foi fazendo (Maria Helena).

Visto isso, Maria Helena argumentou que, para ela, quem compõe sabe melhor a sua música. Nessa perspectiva, para França e Swanwick (2002), o nível técnico de complexidade de uma composição musical está atrelado ao nível de conhecimento dos alunos, caminhando de maneira híbrida, podendo valorizar a expressão do seu próprio pensamento musical.

A respeito de a música ser compatível com o nível de conhecimento e com as ideias de cada pessoa, Edna revelou que com ela foi preciso ir se apropriando da própria música,

cantando várias vezes, lembrando-se dela no cotidiano, abrindo o diário, cantando novamente, e assim, aos poucos, percebeu que aquela música foi ficando mais dela:

[...] aí abri meu caderno, fui cantando, fui vendo assim, parece que aquilo foi ficando mais assim, mais meu. Entendeu? Aquilo parece que ainda ‘tava’ um pouco longe, daí foi... Foi ficando meu. [...] Aí eu peguei aquelas coisas da música assim, e trouxe pra mim. Aí parece que aquilo ficou meu (Edna).

Compreende-se a percepção de Edna caminhando ao encontro das questões referentes à autoria no coletivo, trazendo à tona a possibilidade de apropriar-se da música a ser construída. Ao reconhecer-se na música composta, Maria Teresa disse que “a composição transpareceu o nosso grupo” (Maria Teresa).

## Considerações finais

Ao analisar os dados observamos que a experiência de compor veio agregar, somar as sabedorias que cada senhora trazia consigo, reconhecendo como foram importantes as relações de vínculo que as senhoras tinham entre si, potencializando as habilidades interacionais no grupo. Percebemos também que nem todas as senhoras sentiram e manifestaram conforto e satisfação quanto ao método utilizado ou com a música composta pelo grupo; algumas argumentaram que não se sentiram bem durante momentos de discussão da experiência composicional, omitindo-se para não contradizer as colegas nem tentar fazer valer sua ideia ou predileção por algo. Já em outra perspectiva, algumas senhoras deram sugestões sobre maneiras diferentes como a música do grupo poderia ser desenvolvida, externando a compreensão sobre a proposta ser colaborativa, entendendo que deveriam expor suas ideias e acatar as das colegas.

Em relação às ideias – aceitas ou não, acatadas ou confrontadas – que iam sendo organizadas até consistentemente se estruturarem na música, uma senhora descreveu que esse processo permitiu que aos poucos ela fosse apropriando-se da música; outra apontou que por terem feito a própria música, detinha um sentimento que era de conhecê-la melhor do que as demais músicas do repertório, por exemplo. Além disso, algumas senhoras

declararam que compor foi uma oportunidade, permitindo que, por meio da música composta, transparecesse como é o grupo e como se sentem as integrantes.

Diante do exposto, acredita-se que o presente trabalho possa contribuir com processos de ensino e aprendizagem na faixa etária estudada, ao refletir sobre metodologias para o ensino de música para idosos. Consideramos uma proposta de composição musical colaborativa para idosos significativa para a prática pedagógica na educação musical, possibilitando ampliar as experiências musicais das senhoras envolvidas no processo.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreti. Memoriais de formação: a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172, maio/ago. 2011.

BEINEKE, Viviane. Aprendizagem criativa e educação musical: trajetórias de pesquisa e perspectivas educacionais. *Educação*, Santa Maria, v. 37, n. 1, p. 45-60, jan./abr. 2012.

BURNARD, Pamela. Teaching music creatively. In: BURNARD, Pamela; MURPHY, Regina (Org.). *Teaching Music Creatively*. New York: Routledge, 2013. p. 1- 11.

CRAFT, Anna; CREMIN, Teresa; BURNARD, Pamela. Creative learning: an emergent concept. In: \_\_\_\_\_ (Org.). *Creative learning 3-11: and how to document it*. Stoke on Trent: Trentham, 2008. p. xix-xxiv.

DELORY-MOMBERG, Christine. Formação e socialização: os ateliês biográficos de projeto. Tradução Maria Carolina Nogueira Dias e Helena C. Chamlian. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 359-371, maio/ago. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022006000200011&lng=pt&nrm=iso&userID=-2](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022006000200011&lng=pt&nrm=iso&userID=-2). Acesso em: ago. 2014.

FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática. *Em Pauta*, Porto Alegre, v. 13, n. 21, dez, 2002. p. 5- 41.

GRAY, David E. *Pesquisa no mundo real*. Tradução Roberto Cataldo Costa. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2012. p. 60-83. p. 320-341.

MARTINS, Mario H. M. A escrita narrativa e a emergência das vozes sociais: uma proposta para a valorização da alteridade no (com)texto das ciências humanas e sociais. *Athenea Digital*, p. 3-15, jul. 2011. Disponível em: [http://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig\\_a2011m7v11n2/15788946v11n2p3.pdf](http://ddd.uab.cat/pub/athdig/athdig_a2011m7v11n2/15788946v11n2p3.pdf). Acesso em: out. 2014.

PENNA, Maura; MARINHO, Vanildo Mousinho. Ressignificando e recriando músicas: A proposta do re-arranjo. PENNA, Maura. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. p. 171-205.

SAWYER, R. Keith. Creative Teaching: Collaborative discussion as disciplined improvisation. In: *Educational Researcher*, 2004, Vol. 332, n. 2, mar/2004, p. 12-20.

SAWYER, R. Keith. *Group Creativity: music, theater, collaboration*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 2003.

SOUZA, Elizeu Clementino de; CORDEIRO, Verbena Maria Rocha. Rascunhos de mim: escritas de si, (auto)biografia, temporalidades, formação de professores e de leitores. ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). *(Auto)biografia e formação humana*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 217- 232.

SWANWICK, Keith. *Musical knowledge: intuition, analysis and music education*. London: Routledge, 1994.